

Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes (*)

*ANA RODRIGUES (**)*

*BÁRBARA FIGUEIREDO (***)*

*ALEXANDRA PACHECO (**)*

*RAQUEL COSTA (**)*

*CRISTINA CABELEIRA (**)*

*RUTE MAGARINHO (****)*

1. INTRODUÇÃO

As relações que estabelecemos com aqueles que de mais perto nos rodeiam são uma das partes, senão a parte mais importante da nossa vida. Reconhecemos que as relações significativas podem ser factores de risco ou de protecção, pois ora promovem o sentimento de segurança e

a auto-estima e concorrem para o bem estar global do indivíduo, ora geram condições adversas de existência e implicam considerável sofrimento (Canavarro, 1999).

Bowlby (1958, 1973, 1979) elaborou uma teoria sobre a natureza e a origem da vinculação da criança à mãe. A ideia central defendida pelo autor é que a evolução resolveu o problema da necessidade de protecção e suporte, imprescindível à sobrevivência do ser humano, equipando a criança com um sistema de comportamentos que asseguram a proximidade com o adulto. O objectivo do sistema de vinculação é a regulação dos comportamentos no sentido de obter ou manter a proximidade e o contacto com a figura de vinculação. Para a criança, o principal objectivo do sistema é garantir a segurança. A dinâmica entre estes dois objectivos – manutenção da proximidade e obtenção de segurança – traduz-se na utilização da figura de vinculação como base segu-

(*) Este estudo foi desenvolvido com o apoio do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação Calouste Gulbenkian.

(**) Investigadora no Departamento de Psicologia da Universidade do Minho.

(***) Departamento de Psicologia da Universidade do Minho.

(****) Responsável pela Consulta Externa de Obstetrícia da Maternidade de Júlio Dinis. Obstetra da Consulta Externa de Grávidas Adolescentes da Maternidade de Júlio Dinis.

ra¹, para explorar o ambiente, em alturas tranquilas, e como refúgio de segurança, em alturas conturbadas.

A criança elabora um conjunto de expectativas acerca do próprio, dos outros e do mundo em geral, que correspondem à interiorização de características das suas interações com os pais, que Bowlby (1973) designou de “*working models*”, modelos representacionais ou modelos internos dinâmicos, descrevendo-os como «*representações mentais, conscientes e inconscientes, do mundo e de si próprio que ajudam o indivíduo a perceber os acontecimentos e a antever e architectar planos para o futuro*» (p. 203). Estes modelos constituem-se em importantes grelhas de leitura na interpretação e na previsão de comportamentos, influenciando os padrões de interação nas relações de proximidade emocional. Para além disso, são sistemas afectivamente carregados que regulam o sistema comportamental da vinculação, tendem a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, embora sejam sensíveis a transformações, resultantes de alterações nas interações do indivíduo com o meio.

Teoricamente, os modelos internos dinâmicos desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações. Soares (1996) relata que esta continuidade pode ocorrer pela assimilação das novas relações às expectativas que são consistentes com o modo como o indivíduo representa as suas relações. No entanto, mudanças desenvolvimentais podem implicar transformações ao nível dos modelos internos dinâmicos. Com efeito, se, por um lado, a segurança pode facilitar as necessárias acomodações a introduzir nos modelos internos dinâmicos e ser, portanto, compatível com a sua revisão, o estabelecimento de novas relações, quer durante a adolescência, quer durante a idade adulta, pode, por outro lado, constituir uma ocasião significativa para reavaliar vin-

culações precoces, nomeadamente quando estabelecidas de um modo inseguro.

Importa ainda acrescentar que, embora este aspecto não tenha até ao momento sido muito estudado, também a maternidade implica a revisão das relações com os pais, sendo por isso, de igual modo, uma oportunidade para a revisão e modificação dos modelos internos dinâmicos elaborados na sequência das interações na infância. «*Durante a gravidez “novas” relações podem estabelecer-se com a figura materna, as quais podem permitir rever os modelos internos dinâmicos elaborados a partir das experiências da infância*» (Pacheco, Costa, & Figueiredo, 2003a, p. 54).

Justifica-se, no quadro do trabalho empírico que damos conta no presente artigo, reflectirmos acerca do modo como a adolescência se pode equacionar com a maternidade, e neste preciso contexto, qual a importância que pode ter a vinculação. Soares, Marques, Martins, Figueiredo, Jongenelen e Matos (2001) afirmam que, para a adolescente, a ocorrência de uma gravidez constitui um desafio fundamental, altamente exigente, pois «*as jovens grávidas enfrentam uma dupla crise desenvolvimental: a “crise da adolescência” e a “crise da gravidez”*» (p. 360). Por outro lado, as exigências desenvolvimentais que caracterizam a adolescência não são muitas vezes compatíveis, sendo mesmo por vezes antagónicas, com as exigências desenvolvimentais da maternidade. Ao referirem-se à gravidez na adolescência, Canavarro e Pereira (2001) exploram um dos aspectos que pode ser altamente conflituoso ao lembrar que o movimento centrífugo de maior afastamento e autonomização, característico da adolescência, é limitado pela situação de gravidez, pois, para além da dependência e responsabilidade por tomar conta do bebé, a adolescente torna-se (ainda) mais dependente do apoio emocional e instrumental da família.

Quer as mudanças desenvolvimentais que se associam à adolescência, quer aquelas que se referem à maternidade foram já abordadas por diversos autores (e.g., Figueiredo, 2000b). O problema pode residir no facto de a adolescente ter de enfrentar a resolução das tarefas da maternidade, que obrigam à sua adaptação a inúmeras mudanças, quando ainda se encontra envolvida na resolução das tarefas da adolescência, que obrigam à sua adaptação a tantas outras mudanças,

¹ O termo “base segura”, no contexto da Teoria da Vinculação, refere-se à confiança que o indivíduo tem numa figura particular, protectora e de apoio, que está disponível e é acessível, e a partir da qual se pode fazer uma exploração participada do meio.

as quais se verificam nos mesmos aspectos (isto é, ao nível do corpo, da sua relação com os pais e os pares, da identidade, etc.), mas podem ter funções opostas. Devido à transição desenvolvimental assíncrona, as grávidas adolescentes estão expostas a maiores dificuldades, são obrigadas a grandes reorganizações internas e na relação com os outros, uma vez que têm de lidar simultaneamente com os desafios das tarefas desenvolvimentais típicas da adolescência e com os stressores associados à gravidez e às tarefas da maternidade, o que se pode traduzir num desafio excessivo para algumas delas (Figueiredo, 2000a; Figueiredo, 2001). Se por um lado, a presença de uma vinculação segura parece beneficiar a adaptação à maternidade, nomeadamente quando se verifica em situações de risco, como no caso da maternidade na adolescência (Pacheco et al., 2003a), a questão consiste também em saber até que ponto e sob que circunstâncias a maternidade pode possibilitar uma adequada revisão das relações com os pais durante a infância, no sentido de as mesmas serem representadas de uma forma mais coerente e organizada, logo mais segura.

A teoria da vinculação assume também que, na idade adulta, as ligações afectivas de um indivíduo adaptado do ponto de vista psicossocial têm características próprias, como a flexibilidade e alternância no exercício dos papéis de figura cuidadora e figura cuidada, consoante as exigências do meio. Com efeito, o adulto seguro constitui-se como base segura para o outro significativo, mas também é capaz de, quando as circunstâncias internas e externas o exigem, recorrer ao outro para obtenção de segurança emocional e de apoio. É assim que as diferenças nas relações de vinculação durante a idade adulta e as relações de vinculação durante a infância têm igualmente sido analisadas por diversos autores (e.g., Hinde & Stevenson-Hinde, 1986; Weiss, 1982, 1991).

Diversas tipologias foram propostas para a classificação da vinculação no adulto. Não obstante, a classificação geral da vinculação em segura *versus* insegura está sempre presente e, na conceptualização dos diferentes tipos de vinculação insegura, está também sempre presente que «*as estratégias inseguras de vinculação são diferentes por atingirem os pólos extremos de uma mesma dimensão que são: minimizar a expressão da vinculação (estilos evitantes) ou maximizar*

essa mesma expressão (estilos preocupados/ emaranhados)» (Bifulco, Figueiredo, Guedeney, Gorman, Hayes, et al., 2004).

Bifulco, Lillie, Ball, e Moran (1988) definiram cinco estilos de vinculação, aquando da construção da *Attachment Style Interview* (ASI), os quais foram usados no estudo empírico que apresentamos neste artigo, e passamos a descrever: (a) **Emaranhado** – é um estilo de vinculação dependente, frequentemente acompanhado por hostilidade e raiva nas relações, bem como por ambivalência ou manipulação nas relações com os outros. Os sujeitos têm muita necessidade de dependência e requerem atenção dos outros, mas podem, de facto, ter muito poucos relacionamentos interpessoais verdadeiramente próximos. Muitas vezes parecem contradizer-se no relato das suas relações e o estilo de narração tem ainda tendência a ser cheio, emocional e propenso ao exagero. (b) **Desligado** – caracteriza-se pelo evitamento dos outros, elevado individualismo e raiva/intolerância para com os outros. Estas pessoas poderão escolher contar apenas consigo e são frequentemente contenciosas com os outros ou clamam que não se pode confiar em ninguém. Geralmente isolam-se, sendo mais difíceis no relacionamento que o tipo amedrontado. O estilo narrativo tende a ser breve e lacónico e até um pouco irritado com a situação de entrevista. (c) **Amedrontado** – é um estilo de vinculação igualmente evitante, mas caracteriza-se mais pelo medo dos outros, ansiedade social e medo da rejeição ou de ser desiludido. Isto pode relacionar-se com experiências passadas ou actuais em que o sujeito foi desiludido, o que influenciou nas suas subsequentes atitudes. Pode existir, contudo, um elevado desejo de estar próximo dos outros, e, simultaneamente, medo que tal aconteça. O estilo narrativo pode indicar a ansiedade subjacente ao material emocional evocado. (d) **Retraído** – é uma categoria evitante residual, na qual se inserem traços de individualismo e falta de desejo de compromisso com os outros, mas sem medo do envolvimento e sem cólera ou intolerância perante os outros. (e) **Padrão ou Seguro** – caracterizado pela competência em iniciar e manter relações interpessoais, tal como certifica a proximidade emocional em relação ao parceiro e aos filhos ou a outras figuras de apoio fora da família. Normalmente, existe uma relação estável, ou mesmo apoiante com a família de origem. É im-

provável a existência de atitudes extremas de hostilidade, dependência ou medo nas relações próximas, embora possam estar presentes evidências ligeiras.

A Teoria da Vinculação estruturou-se no pressuposto de que a relação entre a criança e a mãe influencia o funcionamento posterior intra e interpessoal do indivíduo, desde a infância até à idade adulta. Contudo, vários autores chamam a atenção para uma abordagem que no tema das relações afectivas vem, não raras vezes, associada a polémica: a sobrevalorização do papel desempenhado pelos pais, em detrimento da influência de posteriores relacionamentos interpessoais estabelecidos com outras figuras. Sobre este assunto, Sroufe (1988) afirma ser impossível negligenciar o papel central das primeiras relações estabelecidas com os pais, sem deixar de mencionar que tal não significa que sejam as únicas importantes e todas as outras irrelevantes para o desenvolvimento do indivíduo. Refere ainda que o desenvolvimento individual será também afectado pelo contexto global das relações familiares e pelas relações com os pares. Na sua perspectiva, o poder preditivo das relações de vinculação deve-se ao facto de abrangerem outras esferas de relação que não apenas as parentais. O conceito de “*working model*” é fundamental para compreender as conexões entre experiências passadas e desenvolvimento futuro. Hazan e Shaver (1987), cujos estudos iniciais constituíram, a partir da teoria da vinculação, um importante marco no estudo da vinculação do jovem e do adulto, ao proporem a exploração empírica das semelhanças funcionais e dinâmicas entre o amor aos pais na infância e o amor romântico na idade adulta, reconhecem que ao longo do ciclo de vida o indivíduo tem oportunidades de reconstruir os modelos internos dinâmicos elaborados na relação com as figuras parentais na infância².

Um resumo das diferenças significativas entre os antecedentes relacionais dos adultos que apresentam diferentes padrões de vinculação na ida-

de adulta é apresentado por Canavarro (1999): adultos classificados com vinculação segura, descrevem as suas figuras de vinculação na infância como tendo sido carinhosas, disponíveis, atentas e capazes de responder às suas necessidades; adultos classificados com vinculação insegura/ansiosa, referem-nas como carinhosas e protectoras, a maior parte do tempo, mas também como inacessíveis, intrusivas e inconsistentes; adultos classificados com vinculação insegura/evitante, relembram-nas como menos protectoras e carinhosas, menos envolvidas e mais rejeitantes; por último, adultos classificados com vinculação insegura/desligada, recordam-nas como bons pais, mas não conseguem dar exemplos específicos que apoiem a generalização feita. A mesma autora, interessada em «*conhecer os efeitos das relações afectivas estabelecidas durante a infância nas relações estabelecidas posteriormente, ...*» (p. 288), encontrou que é sobretudo por via do suporte emocional prestado pelas figuras parentais na infância e na adolescência que as primeiras relações afectivas influenciam as relações afectivas subsequentes. Na discussão dos resultados do seu estudo empírico, salienta ainda que a rejeição e a sobreprotecção exercidas pelas figuras parentais não se associam significativamente às dimensões de vinculação no adulto consideradas, ao contrário do que é sugerido na literatura.

Hazan e Shaver (1987) defrontaram-se com resultados que apontam para a existência na idade adulta de padrões de vinculação semelhantes nos conteúdos e na distribuição aos encontrados na criança, sugerindo, mas não comprovando, dinâmicas semelhantes subjacentes à vinculação na infância e na idade adulta. Os mesmos autores verificam que a percepção da qualidade da relação estabelecida com os pais na infância se associa ao estilo de vinculação romântica na idade adulta: sujeitos que referem relações mais carinhosas com ambos os pais, percebendo-os como mais respeitadores e aceitantes, estabelecem vinculações seguras; sujeitos que tendem a descrever a sua mãe como rejeitante e fria, apresentam estilos evitantes de vinculação; enquanto que sujeitos que identificam experiências de injustiça nas práticas de cuidados dos seus pais, desenvolvem estilos ansiosos/ambivalentes de vinculação nas suas relações românticas na idade adulta.

Num estudo realizado por Rothbard e Shaver (1994) os autores mostram que a recordação da

² Desta forma, note-se que as avaliações dos cuidados parentais na infância quando retrospectivas poderão ser influenciadas pelos modelos entretanto construídos nas relações actuais.

mãe durante a infância como não ansiosa, com sentido de humor e não egoísta, se associa à sua percepção na idade adulta como disponível, proporcionando suporte emocional e carinho, enquanto que a percepção da mãe durante a infância como nervosa, confusa, preocupada e depressiva conduz, na idade adulta, ao desconforto e alienação na sua presença. Esta investigação, à semelhança de outras e de acordo com previsões teóricas, encontra ainda evidências empíricas de que, comparativamente com os sujeitos inseguros, os seguros têm recordações mais positivas das figuras parentais na infância (em particular da mãe), bem como descrevem de forma mais favorável as suas relações actuais com os pais.

Feeney e Noller (1990) obtêm dados consistentes com as investigações anteriores, pois no seu estudo os sujeitos seguros apresentam representações mais positivas da interacção na infância com ambos os pais. Também Collins e Read (1990) verificaram que, comparativamente com os sujeitos inseguros, os seguros tendem a recordar os seus pais como tendo sido carinhosos e não rejeitantes na infância. Estes autores, ao testar as associações entre o estilo de prestação de cuidados dos pais e o estilo de vinculação amorosa do companheiro, observam que, para as mulheres, as descrições dos pais tendem a predizer a medida de conforto com a proximidade emocional e a confiança nos outros por parte do companheiro.

Outros estudos, por seu lado, indicam que os sujeitos evitantes percebem a mãe de forma menos positiva, comparativamente com os sujeitos seguros e os ansiosos/ambivalentes, e que ambos, sujeitos evitantes e ansiosos/ambivalentes, percebem o pai de forma menos positiva do que os sujeitos seguros (e.g., Mikulincer, 1990).

Por sua vez, uma associação significativa entre a presença de um estilo inseguro de vinculação e a perda ou separação de um dos pais durante a infância tem sido encontrada por diversos autores (e.g., Bifulco et al., 2004).

Em síntese, podemos afirmar que os resultados dos estudos que apresentamos são, na generalidade, consistentes, apontando para o facto de diferenças na vinculação adulta estarem associadas a representações distintas da história de relacionamento com os pais na infância e de os sujeitos seguros tenderem a recordar as figuras parentais de forma mais favorável, comparativa-

mente com os inseguros. Embora persistam dúvidas quanto ao papel representado por cada uma das figuras parentais, existe um considerável número de evidências empíricas de que os sujeitos classificados como seguros na idade adulta recordam uma melhor relação com os pais durante a infância, particularmente com a mãe (Bifulco et al., 2004; Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Rothbard & Shaver, 1994) e estabelecem também relações mais positivas com a sua rede social mais próxima, como veremos já a seguir.

Outras investigações não se referem ao padrão de vinculação na idade adulta, mas mais simplesmente encontram que a qualidade dos cuidados parentais durante a infância se relaciona com a qualidade do relacionamento com pessoas significativas na idade adulta. Por exemplo, existem fortes evidências empíricas de que os indivíduos que sofreram maus tratos durante a infância têm dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais posteriores, tendo sido particularmente assinalado menor satisfação e menor ajustamento bem como falta de intimidade e de suporte na relação com o companheiro (ver Figueiredo et al., 2001, para uma revisão). Por sua vez, alguns autores têm esclarecido que as práticas de cuidados parentais durante a infância têm efeito sobre a qualidade do relacionamento com pessoas significativas na idade adulta, na medida em que essas práticas interferem na organização de vinculação do indivíduo (McCartly & Taylor, 1999; Wekerle & Wolfe, 1998).

O estudo de Skolnick (1987), que teve como objectivo avaliar a presença de uma associação entre padrão de vinculação na infância e qualidade das relações interpessoais na idade adulta, concluiu que esta associação embora seja consistente não é linear, pois «*as ligações entre passado e presente aumentam com a proximidade entre as fases de desenvolvimento; isto é, a infância prediz a adolescência e a adolescência prediz a idade adulta*» (p. 134). Outros estudos observam como o desenvolvimento de relações afectivas ao longo da vida se constitui, simultaneamente, de estabilidade e mudança, embora salientem que os resultados mostrem sobretudo padrões de consistência entre as relações interpessoais estabelecidas ao longo do ciclo de vida, ou entre relações interpessoais estabelecidas com

diferentes pessoas, num mesmo período de existência (e.g., Costa, Pacheco & Figueiredo, 2002; Feeney & Noller, 1990; Pacheco et al., 2003a; Rothbard & Shaver, 1994; Shaver, 1987).

Matos (2002), por exemplo, encontrou que os estilos de vinculação e a percepção subjectiva de dimensões do funcionamento e da qualidade da relação amorosa na idade adulta se articulam de forma teoricamente consistente, isto é: os estilos de vinculação estão conceptualmente relacionados com o modo como os sujeitos experienciam as relações amorosas. De um modo geral, sujeitos classificados como seguros relatam experiências relacionais mais positivas, caracterizadas por níveis mais elevados de satisfação, intimidade, confiança, investimento, compromisso e interdependência, por contraste com os sujeitos evitantes. Por sua vez, os sujeitos ansiosos/ambivalentes tendem a reportar mais experiências emocionais de tonalidade negativa, com níveis mais elevados de conflito e ciúme.

Também Bifulco, Moran, Ball et al. (2002a; 2002b) verificaram que os sujeitos com estilo de vinculação inseguro evidenciam mais conflitos no casamento e menos suporte por parte do cônjuge, quando comparados com os sujeitos com vinculação segura.

Num estudo anterior, que conduzimos com o objectivo de estimar o impacto do estilo de vinculação das mães adolescentes na qualidade do seu relacionamento actual com a mãe, com o companheiro, com o terapeuta e com o bebé, verificámos diferenças significativas entre mães com estilo seguro e mães com estilo inseguro de vinculação, que espelham formas de relacionamento qualitativamente diversas. Assim, as mães adolescentes com estilos inseguros de vinculação, quando comparadas com as mães adolescentes com estilo seguro de vinculação, evidenciaram pior relacionamento interpessoal, quer com a sua própria mãe (menos confiança, menos actividades partilhadas, menos interacção positiva), quer com o companheiro (menos actividades partilhadas), assim como pior aliança com o terapeuta (por exemplo, pior percepção da relação e dos objectivos terapêuticos) e relatam ainda maior indiferença e neutralidade e globalmente menos afectos positivos para com o bebé (Costa et al., 2002; Pacheco et al., 2003a). Estes e outros estudos similares mostram como a qualidade da vinculação tal como é avaliada na adolescência/ida-

de adulta interfere na forma como o indivíduo se dispõe nos seus relacionamentos mais significativos (Bifulco et al., 2004; Costa et al., 2002; Matos, 2002; Pacheco et al., 2003a; Skolnick, 1987).

Conhecer o modo como as relações significativas afectam quem somos constitui um tema central do estudo do desenvolvimento humano. Por sua vez, compreender continuidade/descontinuidade nos padrões de relacionamento interpessoal é fundamental para perceber em que momentos e como a mudança pode acontecer. Deste modo, tendo por base a revisão da literatura efectuada, bem como resultados prévios da investigação conduzida pela nossa equipa (e.g., Costa et al., 2002; Figueiredo, Pacheco, & Magarinho, 2004a; Figueiredo, Pacheco, & Magarinho, 2004b; Pacheco et al., 2003a), neste estudo empírico, o objectivo constituiu em analisar o impacto da qualidade das relações com os pais na infância, tal como são reportadas durante a adolescência, nas estratégias de vinculação e na qualidade das relações que se estabelecem com pessoas significativas (nomeadamente, o companheiro e a figura materna) durante a gravidez. A importância do estudo destas dimensões justifica-se pelo modo como condicionam a adaptação psicológica à maternidade e a qualidade dos cuidados que a mãe está capaz de proporcionar ao bebé, particularmente quando tratamos de situações de risco, como geralmente é o caso da maternidade na adolescência (e.g., Figueiredo, 2000a; Figueiredo, 2001).

Para facilitar a compreensão dos resultados, optou-se pela sua análise em 3 etapas: 1. Memórias de Infância e Estilo de Vinculação; 2. Memórias de Infância e Qualidade da Relação com Pessoas Significativas (separadamente, com o companheiro e com a mãe); e 3. Memórias de Infância, Estilo de Vinculação e Qualidade da Relação com Pessoas Significativas.

Numa primeira etapa, considera-se como variável independente as memórias de cuidados parentais na infância (em termos de suporte emocional, rejeição e sobreprotecção, por parte do pai e da mãe, separadamente) e como variável dependente as estratégias de vinculação, com o intuito de conhecer os tipos de memórias dos cuidados parentais na infância que se associam aos diferentes estilos e a características específicas

dos estilos de vinculação observados em grávidas adolescentes.

Numa segunda etapa, a variável independente é ainda as memórias de cuidados parentais na infância, constituindo-se agora a qualidade das relações estabelecidas com pessoas significativas a variável dependente, para com isso estudar o contributo dos cuidados parentais na infância para a qualidade dos relacionamentos significativos na gravidez, em adolescentes.

Numa terceira etapa, procurou-se conseguir uma visão mais integradora dos resultados e averiguar possíveis relações entre os cuidados parentais na infância, o estilo de vinculação e a qualidade da relação com pessoas significativas durante a gravidez, em adolescentes.

Considerando, quer as evidências empíricas neste domínio, quer a teoria da vinculação, formularam-se as seguintes questões para a presente investigação:

1. De que modo os cuidados parentais na infância contribuem para o estilo de vinculação da grávida adolescente?
2. De que modo os cuidados parentais na infância contribuem para a qualidade das relações estabelecidas pela grávida adolescente com pessoas significativas?
3. De que modo a qualidade da vinculação pode mediar o impacto dos cuidados parentais na infância na qualidade da relação estabelecida pela grávida adolescente com pessoas significativas?

2. MÉTODO

2.1. *Participantes*

A amostra (cf. Quadro 1) é constituída por 48 adolescentes grávidas, utentes da Consulta Externa de Obstetrícia da Maternidade de Júlio Dinis, no Porto. A amostra foi seleccionada aleatoriamente, tendo-se, no entanto, em conta que: 1) a idade não deveria ser superior a 18 anos de idade à data prevista do parto; 2) a gestação deveria situar-se entre a 20.^a e a 35.^a semana; e 3) a participação deveria ser voluntária.

Os sujeitos da amostra têm idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos (sendo a média

das idades de 16 anos) e embora a totalidade da amostra seja alfabetizada, pois o nível educacional varia entre o 4.º e o 11.º ano de escolaridade (situando-se a média da amostra no 7.º ano de escolaridade), poucos têm a escolaridade mínima obrigatória (19%). Apenas uma pequena parte das adolescentes possui ocupação escolar ou profissional (14,6% das mães estuda e 20,8% trabalha), dado que a maior parte das mães se encontra desempregada e sem frequentar o sistema de ensino (64,6%). Por altura do terceiro trimestre de gravidez, pouco mais de metade das adolescentes mantêm-se com a família de origem (56%) e sensivelmente metade inclui no seu agregado familiar o pai do bebé (52%).

Num número considerável de mães adolescentes está presente pelo menos uma condição adversa de existência, ao longo da sua história de vida (71%), o que nos permite considerar a amostra de risco, entre elas: morte de um dos pais (12,5%), divórcio ou separação dos pais (39,6%), cuidados parentais por pais substitutos (45,8%), separação sem contacto por mais de um mês com pelo menos um dos progenitores (37,5%), maus tratos ou negligência (31,3%), degradação física das condições de existência (10,4%). Registou-se, ainda, abuso sexual com penetração (4,2%), violência doméstica (8,3%), história de tentativas de suicídio (4,2%) e institucionalização precoce (6,3%). Grande parte dos indivíduos da amostra relata, ainda, que a gravidez não foi planeada (81,0%)³. É de notar ainda que 48% das adolescentes grávidas têm mães que foram elas próprias mães adolescentes.

Relativamente aos familiares da grávida e ao seu companheiro foram também observadas diversas situações adversas: alcoolismo do pai (25%), alcoolismo da mãe (10%), consumo de substâncias ilícitas do pai (13%), consumo de substâncias ilícitas da mãe (2%). Foram igualmente denunciados cinco casos de violência doméstica (10%), entre os progenitores dos indivíduos da amostra. No que se refere ao pai do bebé: o con-

³ Estas características são, em tudo, idênticas às que têm sido observadas junto das mães adolescentes atendidas na referida consulta (Pacheco, Figueiredo, Costa, & Magarinho, 2003).

QUADRO 1
Circunstâncias sociais e económicas e condições adversas de existência

	n	%
Grupo Etário		
14	3	6.3
15	9	18.8
16	19	39.6
17	14	29.2
18	3	6.1
Estado civil		
Solteira	29	60.4
Em regime de Coabitação	15	31.3
Casada	4	8.3
Escolaridade		
4.º e 5.º anos	6	12.5
6.º e 7.º anos	24	50.0
8.º e 9.º anos	12	25.0
10.º e 11.º anos	6	12.5
Ocupação		
Escolar	7	14.6
Profissional	10	20.8
Sem ocupação	31	64.6
Condições adversas de existência		
Morte de um dos pais	6	12.5
Divórcio ou separação dos pais	19	39.6
Cuidados parentais por pais substitutos	22	45.8
Separção sem contacto por mais de um mês com pelo menos um dos pais	18	37.5
Maus tratos e negligência	15	31.3
Degradação das condições físicas da existência	5	10.4
Violência Doméstica	2	8.3
Abuso sexual	4	4.2
Institucionalização Precoce	3	6.3
Tentativas de suicídio	2	4.2
Gravidez não planeada	39	81.0

sumo de substâncias ilícitas e de álcool, embora tenha decrescido desde o conhecimento da gravidez, mantém-se considerável (substâncias ilícitas: decresceu de 19% para 8%; alcoolismo: de 25% para 23%). A morte de um dos pais está presente em 26% dos casos, existem ainda evidências frequentes de maus tratos ou negligência (11%) e de problemas com a justiça (15%), na amostra dos companheiros.

2.2. Instrumentos

2.2.1. Questionário da Consulta de Mães Adolescentes da Maternidade de Júlio Dinis

O Questionário da Consulta de Mães Adolescente da Maternidade Júlio Dinis (Figueiredo et al., 2004b; Pacheco, Figueiredo, Costa, & Magarinho, 2003b) é composto por 125 questões abertas, administradas sob a forma de uma entrevista, que são cotadas pelo técnico a partir de um conjunto de opções disponíveis, previamente fixadas. Foca-se na recolha de dados sociais e demográficos relativos à grávida e ao companheiro, nomeadamente: idade, etnia, escolaridade, estatuto profissional, estado civil, estrutura familiar, hábitos de consumo, estado de saúde física e psicológica e antecedentes pessoais. Aborda ainda dados relativos à família da grávida, tais como: número de irmãos, idade dos pais, estado civil dos pais, situação profissional dos pais, escolaridade dos pais, hábitos de consumo de substâncias dos pais, estado de saúde física e psicológica dos pais e antecedentes pessoais dos pais. Abrange também aspectos da sexualidade (idade da menarca e da coitarca, conhecimento e uso de métodos contraceptivos) e das condições em que decorre a actual gravidez da adolescente (por exemplo: tipo de gestação, planeamento da gravidez e do parto, “*timing*” do conhecimento da gravidez, reacção à gravidez, regularidade no acompanhamento médico, etc.). Permite ainda fazer um levantamento das circunstâncias físicas e psicológicas de risco que podem ter ocorrido durante a trajectória desenvolvimental da adolescente e do seu companheiro, tais como: morte de um dos pais, separação dos pais, institucionalização, abuso/negligência, violência doméstica, consumo de álcool e substâncias ilícitas e suicídio.

2.2.2. *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU) (Perris, Jacobson, Lindstorm, von Knorring, & Perris, 1980; versão validada para a população portuguesa por Canavarro, 1996)

No presente estudo foi utilizada uma forma abreviada do inventário desenvolvida por Arrindell et al. (1994), constituída por 23 itens, cuja versão portuguesa é de Maria Cristina Canavarro (Canavarro, 1999). A primeira versão era constituída por 81 itens, que se agrupavam em 14 dimensões de práticas educativas. Os estudos psicométricos das Memórias de Infância ou EMBU revelaram «*de forma global, bons índices de fiabilidade e validade do instrumento*» (Canavarro, 1999, p. 236).

Este inventário de auto-relato mede com que frequência aconteceram determinadas práticas de cuidados durante a infância e adolescência do indivíduo, em relação ao pai e à mãe separadamente, utilizando, para tal, uma escala de tipo “*liker*”, de quatro pontos, que vai desde “*não, nunca*” até “*sim, a maior parte do tempo*” passando por “*sim, ocasionalmente*” e “*sim, frequentemente*”. Os 23 itens agrupam-se criando três dimensões específicas das práticas educativas: Suporte Emocional, Rejeição e Sobreprotecção.

O Suporte Emocional é definido como «*um leque de comportamentos dos pais perante os filhos que fazem com que este se sinta confortável na sua presença e lhe confirmem a ideia de que é aprovado como pessoa pelos seus progenitores*» (Canavarro, 1999, p. 237). Um exemplo dos itens desta dimensão é: “*Os meus pais elogiavam-me.*” A medida deste factor é obtida pelo somatório dos 7 itens que o compõem, separadamente para o pai e para a mãe.

A autora define a Rejeição «*como um conjunto de comportamentos dos pais tendentes a modificar a vontade do filho e que são sentidos por este como uma rejeição de si próprio como indivíduo*» (Canavarro, 1999, p. 237). Um exemplo dos itens que compõe esta escala é: “*Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê.*” A medida desta dimensão para a relação com a mãe obtém-se através do somatório de 9 itens, mais um que os considerados na relação com o pai (8 itens); isto porque o item 21 não apresenta níveis de consistência interna considerados mínimos, nem contribui

para nenhum factor com um peso significativo, no que concerne ao pai (Canavarro, 1996).

Por último, a medida de Sobreprotecção é obtida através do somatório de 7 itens, quer para a mãe, quer para o pai. Este factor reflecte «*o comportamento parental caracterizado por protecção (excessiva) de experiências indutoras de stress e adversidades, um elevado grau de intrusão e tentativa de conhecer todas as actividades dos filhos; elevados padrões de realização em determinadas áreas (...) e imposição de regras rígidas às quais é exigida estrita obediência*» (Canavarro, 1999, p. 237). Como exemplo dos itens que compõem esta escala temos: “Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito.”

2.2.3. Attachment Style Interview (ASI) (Bifulco, et. al., 2004)

Para avaliar o estilo de vinculação das mães recorreremos à ASI que é uma entrevista semi-estruturada relativa a 8 dimensões específicas: desconfiança, constrangimentos atitudinais à proximidade, medo da intimidade, individualismo, desejo de envolvimento/emaranhamento, falta de tolerância à separação e avaliação do entrevistador da capacidade do sujeito para iniciar e manter relações interpessoais. O estilo de vinculação é estimado a partir da pontuação nas 8 subescalas referidas, que contribuem para a medida global.

A escala de Capacidade para Iniciar e Manter Relações considera o comportamento do indivíduo e a extensão em que ele é capaz de iniciar e manter relações satisfatórias e de apoio com os outros. Esta escala tem grande influência para determinar o estilo de vinculação global em Seguro ou Inseguro.

A subescala de Desconfiança mede o grau no qual o indivíduo sente falta de confiança nos outros, quer daqueles que lhe são próximos, quer das pessoas em geral, baseando-se tanto no medo (rejeição) como na hostilidade (suspeição acerca dos motivos das outras pessoas).

Os Constrangimentos Atitudinais nas relações próximas espelham as resistências do indivíduo em aproximar-se dos outros, quer para fazer confidências, quer para obter ajuda, assim como para se tornar próximo.

A escala do Medo da Intimidade procura medir o grau no qual o indivíduo relata medo da

proximidade e da intimidade, tanto pelo desconforto sentido quando os outros se aproximam de si, como pelo medo de se revelar aos outros, considerando também a extensão na qual experiências passadas adversas contribuíram para o acréscimo da falta de confiança e do medo de intimidade. Esta escala possui ainda uma subescala – Medo da intimidade Sexual – que se refere exclusivamente às relações sexuais/românticas e aos relacionamentos com o sexo oposto.

O Individualismo reflecte a competência sentida pelo indivíduo para lidar sozinho com os problemas e o grau de autonomia expressa. Isto é, avalia a extensão na qual os indivíduos se vêm a eles mesmos como solitários, consideram e valorizam a sua independência, e a importância que atribuem a sentir a sua vida sob controlo.

Uma outra dimensão – Desejo de Envolvimento/Emaranhamento – mede a dependência no que concerne à necessidade e vontade de elevados níveis de companheirismo e intimidade com as outras pessoas, sendo avaliado quer em termos dos sentimentos, quer das atitudes do sujeito.

A Intolerância à Separação procura dar conta da extensão da angústia ou ansiedade sentidas pelo indivíduo durante as separações, mesmo que temporárias, dos que lhe são próximos, podendo indicar, por um lado, falta de confiança que a figura de vinculação voltará para o proteger e confortar e, por outro lado, medo e receio do que acontecerá à figura de vinculação enquanto está ausente.

A escala Raiva nas Relações reflecte a dimensão de hostilidade, ressentimento ou ciúme sentidos pelo indivíduo, tendo em consideração a generalização da raiva e a intensidade na expressão da mesma.

A avaliação é efectuada pelo entrevistador com base numa gravação áudio das respostas do entrevistado, cotando-se as dimensões acima referidas numa escala tipo “likert”, que varia desde “marcadamente”, “moderadamente”, “alguma” a “pouca/nenhuma”, à excepção das escalas de Individualismo e de Desejo de Envolvimento/Emaranhamento, que cotam em “alto”, “moderado”, “baixo”, e “resposta contraditória”. Seguidamente, o estilo de vinculação pode, então, ser classificado ao longo de duas dimensões: 1) A categorização em estilo de vinculação padronizado e não-padronizado, terminologia usada para

os conceitos de vinculação segura e vinculação insegura, respectivamente; 2) A categorização básica do estilo de vinculação, de acordo com as estratégias adoptadas pelo sujeito, classificando, como já foi referido, o estilo de vinculação em emaranhado, desligado, amedrontado e retraído.

Os estudos psicométricos realizados com a versão portuguesa da ASI demonstraram bons índices de fidelidade inter-observadores e boa estabilidade na avaliação teste-reteste. Com efeito, os níveis de concordância entre observadores variam entre 0.81 e 1.00 e as correlações entre as administrações pré-natal e pós-natal da ASI variam entre 0.67 e 0.90 (Bifulco et al., 2004).

2.2.4. *Self-Evaluation and Social Support* (SESS) (Brown, Bifulco, Veiel, & Andrews, 1990; versão validada para a população portuguesa por Bifulco et al., 2004)

Para avaliar a qualidade do suporte social e das relações interpessoais significativas utilizou-se uma entrevista semi-estruturada, a SESS. Neste estudo, recorreremos às versões para o parceiro e para outra pessoa significativa, à escolha das mães. Este instrumento permite estimar, separadamente, sete categorias relativas à qualidade do relacionamento e do apoio: a confiança, o suporte emocional activo, o sentimento de ligação/proximidade, as actividades partilhadas e a qualidade da interacção positiva e negativa na relação estabelecida com cada pessoa significativa em questão. Registadas em audio as respostas do sujeito, é possível ao entrevistador classificar cada dimensão numa escala tipo “likert” de 4 pontos: “acentuada”, “moderada”, “alguma”, e “pouca/nenhuma”. A SESS permite ainda a obtenção de uma medida global da qualidade da relação interpessoal com cada uma das pessoas significativas, classificada em: “muito bom”, “média alta discordante”, “média alta apática/indiferente”, “média baixa discordante”, “média baixa apática/indiferente”, “pobre discordante” e “pobre apática/indiferente”.

3. PROCEDIMENTOS

As participantes no estudo foram contactadas pela primeira vez na Consulta Externa de Obstetrícia para Mães Adolescentes da Maternidade de

Júlio Dinis (MJD, Porto). No final da consulta, foram explicitados a natureza e os objectivos do estudo, garantida a confidencialidade da informação recolhida e pedida a colaboração voluntária da utente, assegurando-se ainda o seu consentimento informado.

As entrevistas realizaram-se nas instalações da MJD entre a 20.^a e a 35.^a semana de gravidez. Foram gravadas em cassetes audio, posteriormente cotadas pelo entrevistador e as classificações justificadas e discutidas em reuniões de supervisão, em que estiveram presentes todos os elementos da equipa de investigação. As instruções fornecidas ao sujeito foram as que se encontram descritas nos próprios instrumentos.

4. RESULTADOS

O objectivo geral deste estudo foi averiguar a influência das experiências prévias de cuidados durante a infância, no estilo de vinculação e na qualidade das relações estabelecidas com pessoas significativas durante a gravidez. Contudo, antes de apresentarmos as análises que nos permitem averiguar acerca desta temática, cabe aqui fazer a descrição dos valores obtidos na amostra para cada uma das variáveis⁴ em estudo.

No Quadro 2 comparamos a nossa amostra (Grupo de Grávidas Adolescentes – GGA) com um Grupo de Controlo (GC) (Canavarro, 1999)⁵, em relação à percepção das práticas de cuidados parentais, separadamente para o pai e para a mãe.

Os resultados mostram que entre o GGA e o GC não existem grandes diferenças em termos da percepção dos cuidados prestados por cada

⁴ É importante referir que os resultados a seguir apresentados respeitantes ao EMBU não correspondem à totalidade da amostra, devido à situação de separação prolongada do pai ou da mãe e ausência de figura de substituição observada em três sujeitos.

⁵ Os dados do Grupo de Controlo foram retirados do estudo de Canavarro (1999), em que a amostra é aleatória e obedece a determinados critérios que não são os da nossa amostra. (para mais informações ver Canavarro, 1999).

QUADRO 2
Práticas Educativas Parentais

	GGA (N=48)	GC (N=76)	GGA (N=48)	GC (N=76)
	Pai Média D.P.		Mãe Média D.P.	
Suporte Emocional	17.17 (5.45)	17.71 (5.42)	19.21 (5.16)	19.41 (4.60)
Rejeição	10.89 (3.83)	10.86 (3.53)	12.30 (4.67)	12.55 (3.62)
Sobreprotecção	12.89 (4.03)	14.37 (3.46)	13.11 (3.56)	15.37 (3.48)

um dos pais, tendo como base as médias obtidas no que concerne ao Suporte Emocional por parte do pai (GGA=17.17; e GC=17.71) e por parte da mãe (GGA=19.21 e GC=19.41), mas também à Rejeição por parte do pai (GGA=10.89 e GC=10.86) e por parte da mãe (GGA=12.30 e GC=12.55). No que respeita à sobreprotecção evidenciam-se algumas diferenças, quando comparamos as grávidas adolescentes com o grupo de controlo, sendo que as primeiras relatam consideravelmente menos percepção de sobreprotecção parental do que as segundas, quer por parte do pai (GGA=12.89 e GC=14.37), quer por parte da mãe (GGA=13.11 e GA=15.37). Assim como em Canavarro (1999), neste estudo, as médias representativas dos estilos parentais educativos da mãe foram superiores às do pai para todas as dimensões consideradas, o que pode indicar que os estilos parentais maternos, por comparação aos paternos, são percebidos pelos indivíduos como mais relevantes.

Na amostra recolhida obtivemos, como pode ver no Quadro 3, que a maior parte das grávidas adolescentes apresentam um estilo de vinculação Seguro (52%), tal como acontece também com as grávidas adultas (77%) de uma amostra de Grávidas Adultas do Porto (GAP) e (82%) de uma amostra de Grávidas Adultas de Diferentes Países (GADP) (Bifulco et al., 2004)⁶. No entanto, um número

maior de grávidas adolescentes foram classificadas com vinculação insegura comparativamente ao número de adultas (48% das adolescentes para 23% e 18% em cada uma das referidas amostras de adultas), destas 21% são inseguras-ansiosas e 27% são inseguras-evitantes, ao contrário das adultas que são, proporcionalmente, mais inseguras-ansiosas que inseguras-evitantes (cf. Quadro 3).

No que concerne à qualidade da relação com pessoas significativas, especificamente o companheiro e a mãe, obtivemos, como podemos ver no Quadro 4, que a maior parte das grávidas adolescentes estabelece uma relação “muito boa” ou “média alta” com o companheiro (75%), sendo que apenas um quarto (25%) cota a relação em “média baixa” ou “pobre”. Quando se trata da relação que estabelecem com a mãe, cerca de 88,2% das grávidas adolescentes da amostra cotam a relação em “muito boa” ou “média alta”, sendo poucas (11,8%) as que qualificam a relação com a mãe em “média baixa” ou “pobre”.

⁶ Com o propósito de poder comparar a nossa amostra com a amostra de aferição da ASI, o estilo amedrontado foi conjugado com o emaranhado (ansioso) e o estilo retraído com o desligado (evitante), conforme recomendado pela autora (Bifulco et al., 2004).

QUADRO 3
Estilos de Vinculação

Estilos de Vinculação	GGA % (N)	GAP % (N)	GADP % (N)
Seguro	52 (25)	77 (30)	82 (167)
Inseguro:	48 (23)	23 (9)	18 (37)
- <i>Ansioso</i>	21 (10)	18 (7)	10 (20)
- <i>Evitante</i>	27 (13)	5 (2)	8 (17)
Total	100 (48)	100 (39)	100 (204)

QUADRO 4
Qualidade do relacionamento com figuras de suporte

Qualidade da Relação	Companheiro % (N)	Mãe % (N)
Relação Média Baixa ou Pobre	25.0 (12)	11.8 (4)
Relação Muito Boa ou Média Alta	75.0 (36)	88.2 (30)
Total	100.0 (48)	100.0 (34)

4.1. Memórias de Infância e Estilo de Vinculação

Para testar as diferenças entre dois grupos de grávidas adolescentes com estilo de vinculação seguro e com estilo de vinculação inseguro no que se refere às memórias de cuidados na infância, recorreu-se a um teste paramétrico para amostras independentes (t-test). Os resultados mostram que existem diferenças significativas entre os referidos grupos em termos do suporte emocional materno ($t(45)=-2,335$, $p<0,05$), sendo que os sujeitos classificados com estilo de vinculação seguro relatam mais suporte emocional por parte da mãe durante a infância do que os sujeitos classificados com estilo de vinculação inseguro.

No entanto, quando recorreremos a uma análise discriminante do tipo *stepwise* para determinar qual(ais) a(s) variável(eis) relativas às memórias de cuidado na infância (EMBU) que melhor discriminará as grávidas adolescentes com estilo de

vinculação seguro e as grávidas adolescentes com estilo de vinculação inseguro, verificamos que a rejeição materna é a variável que melhor contribui para discriminar os grupos, sendo por si só capaz de discriminar 61,7% dos casos da amostra ($\chi^2(1)=4.560$, $p<0.05$).

Analisamos também as diferenças nas memórias de cuidados parentais durante a infância entre dois grupos de grávidas adolescentes com diferentes estratégias de vinculação (cf. Quadro 5), as quais foram avaliadas através de um teste paramétrico para amostras independentes (t-test).

O t-test revela diferenças significativas entre mães com alguma ou pouca desconfiança e mães marcadamente ou moderadamente desconfiadas em termos do suporte emocional proporcionado pela mãe ($t(45)=3,442$, $p<0,01$), da rejeição, quer pelo pai, quer pela mãe (mãe: $t(45)=-2,855$, $p<0,01$, pai: $t(44)=-3,705$, $p<0,01$) e da sobreprotecção por parte do pai ($t(44)=-2,337$, $p<0,05$). O que

nos mostra que as adolescentes com elevada desconfiança recordam ter experimentado durante a infância menos suporte emocional por parte da mãe, mais rejeição por parte de ambos os pais, assim como mais sobreprotecção por parte do pai, comparativamente às adolescentes com níveis menos elevados de desconfiança.

Quando se consideram as grávidas adolescentes com alguns ou nenhuns constrangimentos atitudinais e as grávidas adolescentes com um grau elevado ou moderado de constrangimentos atitudinais em relação à proximidade, observam-se diferenças significativas no que concerne às memórias de infância quanto ao suporte emocional do pai ($t(44)=2,134$, $p<0,05$) e da mãe ($t(45)=2,289$, $p<0,05$), sendo que as adolescentes da amostra que possuem elevados constrangimentos atitudinais, relatam ter experimentado menos suporte emocional por parte de ambos os pais do que as adolescentes com poucos constrangimentos atitudinais relativos à proximidade.

Analisamos também as diferenças entre as mães que apresentam considerável medo da intimidade e as mães que revelam baixo medo da intimidade, tendo como base as práticas educativas parentais na infância, mas as diferenças entre os dois grupos não se mostraram estatisticamente significativas.

Ao testar as diferenças entre mães com elevado medo da intimidade sexual e mães com pouco ou nenhum medo da intimidade sexual, obtivemos diferenças significativas em termos do suporte emocional do pai ($t(44)=2,624$, $p<0,05$), que nos indicam que as adolescentes com elevado medo da intimidade sexual revelam ter vivenciado menos experiências de suporte emocional do pai, comparativamente às adolescentes que apresentam pouco medo da intimidade sexual.

As diferenças entre mães com alto individualismo e mães com baixo individualismo foram também testadas através de t-test, tendo em conta as práticas parentais reflectidas no EMBU. Esta análise indicou que as diferenças entre os referidos grupos não são significativas, qualquer que seja a escala considerada.

Analisamos as diferenças entre dois grupos de grávidas, com elevado desejo de emaranhamento e com baixo desejo de emaranhamento, no que concerne às memórias de cuidados parentais na infância, e obtivemos diferenças estatisticamente significativas relativas ao suporte emocional pro-

porcionado pelo pai ($t(44)=-2,182$, $p<0,05$): as adolescentes que relatam ter recebido mais suporte emocional por parte do pai são as que apresentam maior desejo de envolvimento/emaranhamento.

As diferenças entre adolescentes que exibem e não exibem elevada intolerância à separação revelam-se significativas em termos do suporte emocional experimentado na interacção com o pai ($t(44)=-2,573$, $p<0,05$), pois as grávidas que apresentam mais sinais de intolerância à separação referem ter recebido mais suporte emocional por parte do pai, durante a infância.

Apuramos o significado estatístico das diferenças entre as mães com elevada ou moderada raiva e as mães com alguma ou nenhuma raiva nas relações interpessoais. As diferenças encontradas entre os dois grupos são significativas no que concerne à rejeição parental ($t(44)=-2,859$ e $t(45)=-2,249$, $p<0,05$, para o pai e para a mãe respectivamente) e vão no sentido de que as grávidas adolescentes que relatam ter experimentado mais rejeição por parte de ambos os pais durante a infância apresentam mais raiva nas relações.

Testamos ainda as diferenças entre as grávidas adolescentes que foram avaliadas como tendo relativa facilidade em construir e manter relações e aquelas cuja competência para desenvolver relações é pouca e encontramos diferenças significativas entre os dois grupos, no que confere às experiências de rejeição por parte dos progenitores. Assim, as vivências de rejeição durante a infância estão mais presentes nas grávidas adolescentes cuja capacidade de construir e manter relações interpessoais é baixa do que naquelas cuja capacidade de construir ou manter relações é elevada, sendo tais memórias de rejeição relativas quer ao pai ($t(44)=2,545$, $p<0,05$), quer à mãe ($t(45)=2,276$, $p<0,05$).

4.2. *Memórias de Infância e Qualidade da Relação com Pessoas Significativas*

4.2.1. Com o companheiro

Através de uma análise discriminante do tipo *stepwise*, procuramos estimar quais as dimensões susceptíveis de discriminar dois grupos de grávidas adolescentes, cuja relação com o companheiro é boa (cotada como média alta ou muito boa

QUADRO 5
Estilo e Estratégias de Vinculação e Memórias de Cuidados na Infância (A)

Escalas do EMBU	Suporte Emocional				Rejeição				Sobreprotecção			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe		Pai		Mãe	
Escalas da SESS	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t
Desconfiança												
Baixa	18.48	1.653	21.40	3.442	**9.04	-3.705**	10.60	-2.855**	11.57	-2.337*	12.56	-1.123
Elevada	15.87		16.73		12.74		14.23		14.22		13.73	
Constrangimentos atitudinais												
Baixa	18.83	2.134*	20.76	2.289*	10.75	-0.419	12.36	0.096	12.61	-0.471	12.88	-0.460
Elevada	15.52		17.45		11.13		12.23		13.17		13.36	
Medo da Intimidade												
Baixa	18.04	1.289	20.31	1.902	10.70	-0.392	12.21	-0.168	13.26	0.734	13.31	0.494
Elevada	15.95		17.44		11.16		12.44		12.37		12.78	
Medo da Intimidade Sexual												
Baixa	18.35	2.264*	20.00	1.831	10.50	-1.171	11.74	-1.406	12.97	0.222	13.20	0.304
Elevada	13.83		16.92		12.00		13.92		12.67		12.83	
Individualismo												
Baixa	18.14	0.794	19.04	-0.121	10.57	-0.371	11.43	-0.828	13.50	0.673	13.57	0.578
Elevada	16.75		19.27		11.03		12.67		12.63		12.91	
Desejo de Emaranhamento												
Baixa	13.50	-2.182*	16.50	-1.663	11.13	0.188	12.13	-0.114	12.63	-0.203	12.63	-0.416
Elevada	17.95		19.77		10.84		12.33		12.95		13.21	
Intolerância à Separação												
Baixa	15.14	-2.573*	18.33	-1.051	11.14	0.412	11.24	-1.413	13.00	0.173	12.71	-0.674
Elevada	19.04		19.92		19.92		13.15		12.79		13.42	
Raiva nas Relações												
Baixa	18.61	1.830	20.56	1.966	9.39	-2.859*	10.92	-2.249*	11.96	-1.598	12.88	-1.713
Elevada	15.74		17.68		12.39		13.86		13.83		14.05	
Capacidade de construir e manter relações												
Baixa	15.69	-1.363	17.13	-1.947	12.75	2.545*	14.47	2.276*	14.25	1.703	14.27	1.551
Elevada	17.97		20.19		9.90		11.28		12.87		12.56	

*p<0.05; **p<0.01

(A) Note-se que os valores apresentados neste quadro são invertidos.

na SESS) e cuja relação com o companheiro é má (cotada como média baixa ou pobre na SESS). Verificamos que a variável que melhor discrimina os dois grupos é o suporte emocional materno, seguindo-se a sobreprotecção materna e a rejeição paterna. Em conjunto, estas três variáveis são susceptíveis de discriminar 82.2% dos casos, sendo que a função discriminante encontrada tem um $\chi^2(3)=16.405$, $p<0.01$.

Procuramos também as possíveis diferenças

entre as grávidas adolescentes da amostra relativamente à qualidade da relação e do suporte social que estabelecem com o companheiro (considerando as diversas dimensões que compõem a SESS) quanto às memórias de cuidados parentais na infância. Recorremos, para tal, a um teste paramétrico para amostras independentes (t-test) (cf. Quadro 6).

As diferenças entre grávidas adolescentes que têm elevada confiança e que têm baixa confiança no parceiro, considerando as memórias de supor-

QUADRO 6

Qualidade da Relação com o Companheiro e Memórias de Cuidados Parentais (A)

Escalas do EMBU	Suporte Emocional				Rejeição				Sobreprotecção			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe		Pai		Mãe	
Escalas da SESS	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t
Confiança no Parceiro												
Baixa	15.30	-1.235	17.10	-1.477	11.50	0.564	13.60	0.993	13.70	0.713	13.70	0.589
Elevada	17.69		19.78		10.72		11.95		12.67		12.95	
Suporte Emocional Activo												
Baixa	16.00	-0.766	17.90	-0.905	12.10	1.131	14.40	1.633	14.40	1.349	14.40	1.303
Elevada	17.50		19.57		10.56		11.73		12.47		12.76	
Sentimento de Ligação												
Baixa	15.38	-1.027	16.38	-1.744	11.75	0.693	13.50	0.796	14.13	0.951	14.25	0.996
Elevada	17.55		19.79		10.71		12.05		12.63		12.87	
Actividades Partilhadas												
Baixa frequência	15.79	-1.146	16.86	-2.113*	10.43	-0.538	12.36	0.056	12.57	-0.352	13.07	-0.043
Elevada frequência	17.78		20.21		11.09		12.27		13.03		13.12	
Interacção Positiva												
Baixa	15.20	-1.304	16.30	-2.083*	10.50	-0.362	12.70	0.304	12.40	-0.431	12.60	-0.502
Elevada	17.72		20.00		11.00		12.19		13.03		13.24	
Interacção Negativa												
Baixa	17.72	1.304	19.92	1.851	10.64	-0.845	12.30	-0.002	12.22	-2.226*	12.73	-1.408
Elevada	15.20		16.60		11.80		12.30		15.30		14.50	

*p<0.05

(A) Note-se que os valores apresentados neste quadro são invertidos.

te emocional, rejeição e sobreprotecção parental durante a infância, não se mostraram significativas. Do mesmo modo, as diferenças nas memórias de cuidados na infância entre dois grupos de adolescentes com elevado apoio activo e com baixo suporte activo do companheiro, não se mostraram significativas. Também não obtivemos diferenças significativas nas memórias de cuidados durante a infância entre um grupo de adolescentes cujo sentimento de ligação/proximidade ao parceiro é elevado e um grupo de adolescentes com algum ou nenhum sentimento de ligação ao companheiro.

No entanto, ao estabelecer as diferenças entre dois grupos de grávidas adolescentes com elevada frequência de actividades partilhadas e com poucas ou nenhuma actividades partilhadas com o companheiro, obtivemos diferenças significativas em termos do suporte emocional proporcionado pela mãe durante a infância ($t(45)=-2,113$, $p<0.05$): as grávidas adolescentes que partilham um elevado número de actividades recordam ter

experimentado mais suporte emocional por parte da mãe durante a infância do que as grávidas adolescentes com baixa frequência de actividades partilhadas com o companheiro.

No que concerne à qualidade de interacção positiva com o parceiro, procuramos testar as diferenças entre o grupo de adolescentes com elevada/moderada interacção positiva e o grupo de adolescentes com pouca ou nenhuma qualidade positiva de interacção com o parceiro, nas escalas do EMBU. As diferenças mostram-se significativas quando consideramos o suporte emocional proporcionado pela mãe ($t(45)=-2,083$, $p<0.05$): isto é, as adolescentes que estabelecem relações com o companheiro pautadas por mais interacção positiva relatam mais suporte emocional materno, enquanto que as adolescentes que pautam as relações com o companheiro por menor qualidade positiva não relatam tanto suporte emocional materno.

Considerando ainda as memórias de cuidados parentais na infância, procuramos averiguar as

QUADRO 7
Qualidade da Relação com a Mãe e Memórias de Cuidados Parentais (A)

Escalas do EMBU	Suporte Emocional				Rejeição				Sobreprotecção			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe		Pai		Mãe	
Escalas da SESS	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t	Média	t
Confiança no Parceiro												
Baixa	14.80	-1.413	19.40	-0.061	13.80	3.567**	14.20	2.236*	14.80	1.424	14.60	1.138
Elevada	18.32		19.55		9.14		10.52		12.21		12.55	
Suporte Emocional Activo												
Baixa	17.67	-0.042	20.00	0.167	12.33	1.461	12.67	0.806	16.33	1.848	15.33	1.213
Elevada	17.80		19.48		9.60		10.90		12.23		12.61	
Sentimento de Ligação												
Baixa	14.50	-0.918	13.50	-1.807	15.50	2.914**	18.50	3.484**	9.50	-1.201	9.00	-1.534
Elevada	18.00		19.91		9.48		10.59		12.81		13.09	
Actividades Partilhadas												
Baixa frequência	17.60	-0.134	18.90	-0.465	10.20	0.418	11.60	0.560	12.00	-0.598	12.30	-0.551
Elevada frequência	17.87		19.79		9.70		10.83		12.87		13.08	
Interação Positiva												
Baixa	15.25	-1.040	19.00	-0.221	12.00	1.488	13.75	1.631	11.00	-0.899	11.50	-0.766
Elevada	18.14		19.60		9.55		10.70		12.83		13.03	
Interação Negativa												
Baixa	17.85	0.122	19.85	0.729	9.77	-0.275	10.96	-0.301	12.58	-0.084	12.96	0.333
Elevada	17.57		18.29		10.14		11.43		12.71		12.43	

*p<0.05; **p<0.01

(A) Note-se que os valores apresentados neste quadro são invertidos.

diferenças entre dois grupos de mães com moderada ou elevada interação negativa e com pouca ou nenhuma interação negativa com o parceiro. Encontramos diferenças significativas em termos da sobreprotecção paterna ($t(44)=-2,226$, $p<0.05$), pois as adolescentes grávidas que estabelecem relações com o companheiro em que a qualidade negativa da interação é maior, por comparação àquelas que relatam menos interações negativas com o parceiro, recordam ter experienciado mais sobreprotecção por parte do pai (cf. Quadro 6).

4.2.2. Com a mãe

Com o intuito de averiguar quais as variáveis que melhor discriminam entre as adolescentes que classificaram a relação com a mãe como “muito boa” ou “média alta” e as que cotaram a mesma relação como “média baixa” ou “pobre”, realizamos uma análise discriminante, do tipo

stepwise. No entanto, as variáveis comportadas no EMBU não qualificaram para a análise, o que se pode dever ao menor número de casos em análise para esta variável ($N=34$) e à pouca variabilidade na dimensão estudada.

Assim como fizemos para o companheiro, procuramos estimar as diferenças nas memórias de cuidados parentais na infância entre dois grupos de grávidas adolescentes, relativamente à qualidade da relação e do suporte social que estabelecem com a mãe, através de um teste paramétrico para amostras independentes (t-test) (cf. Quadro 7).

Ao estimar as diferenças entre adolescentes que têm elevada confiança na mãe e adolescentes que têm baixa confiança na mesma, considerando as práticas de cuidados parentais na infância, verificamos que existem diferenças significativas, tal como mostra o Quadro 7, em termos da rejeição por parte do pai ($t(31)=3,567$, $p<0,01$) e da rejeição por parte da mãe ($t(32)=2,236$; $p<0.05$). Os

resultados mostram que as adolescentes que depositam pouca confiança na figura materna relatam mais experiências de rejeição por parte de ambos os pais durante a infância, do que as adolescentes que têm elevada confiança na figura materna.

Quando testamos as diferenças entre o grupo de adolescentes com elevado suporte emocional activo e o grupo de adolescentes com baixo suporte emocional activo providenciado pela mãe, tendo uma vez mais em conta as práticas educativas parentais na infância, não obtivemos diferenças significativas.

Procuramos ainda saber de diferenças nas memórias de cuidados parentais na infância entre o grupo de grávidas cujo sentimento de ligação/proximidade à mãe é elevado e o grupo de grávidas com algum ou nenhum sentimento de ligação à mãe. As diferenças entre estes grupos apresentam-se significativas em termos da rejeição quer por parte do pai ($t(31)=2,914, p<0,01$) quer por parte da mãe ($t(32)=3,484, p<0,05$), sendo que o grupo de adolescentes que têm um maior sentimento de ligação à figura materna revelam ter experimentado menos práticas de rejeição por parte de ambos os pais.

Ao testar as diferenças entre as adolescentes que partilham um elevado número de actividades

e as que não partilham ou partilham poucas actividades com a mãe no suporte emocional, na rejeição e na sobreprotecção, enquanto práticas de cuidados parentais durante a infância, não obtivemos diferenças estatisticamente significativas.

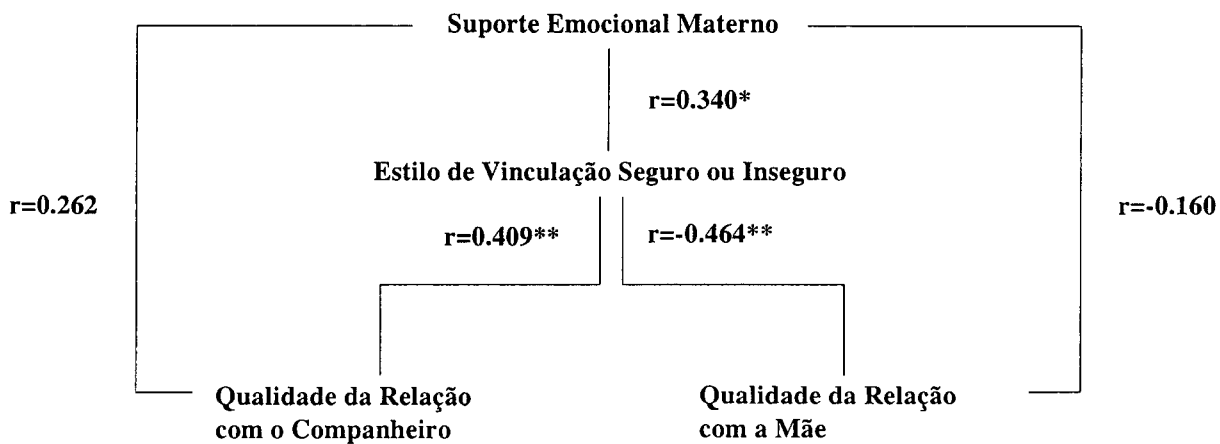
Também não obtivemos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de adolescentes que revelam elevada qualidade de interacção positiva com a mãe e o grupo de adolescentes que referem pouca qualidade da interacção positiva com a mãe nas subescalas do EMBU. Do mesmo modo que não foram encontradas diferenças significativas entre as adolescentes que estabelecem uma interacção com a mãe de elevada qualidade negativa e as que a vivenciam com a mesma uma interacção com pouca ou nenhuma qualidade negativa, para as mesmas variáveis.

4.3. Memórias de Infância, Estilo de Vinculação e Qualidade da Relação com Pessoas Significativas

Consideramos relevante avaliar a intensidade das relações entre as variáveis em estudo, (a) estilo de vinculação (padrão ou não padrão), (b) qualidade global do relacionamento, quer com o companheiro, quer com a mãe (muito boa e média alta ou média baixa e pobre), e (c) as variáveis

ESQUEMA 1

Correlação de Spearman: Estilo de vinculação, qualidade global do relacionamento com o companheiro e com a mãe e memórias de infância



* $p<0.05$; ** $p<0.01$

veis abrangidas pelo EMBU (Suporte emocional, Sobreprotecção e Rejeição, relativos à mãe e ao pai), no sentido de percebermos como se articulam entre si. Para o efeito, calculamos o coeficiente de correlação de Spearman (ver Esquema 1), o que nos permitiu verificar que das escalas do EMBU, apenas o Suporte Emocional Materno se correlaciona positiva e significativamente com o estilo de vinculação ($r=0.340$, $p<0.05$). Por outro lado, o Estilo de Vinculação das adolescentes associa-se de forma estatisticamente significativa quer com a qualidade geral da relação com a mãe, quer com a qualidade geral da relação com o companheiro ($r=-0.464$ e $r=0.409$, $p<0.01$). Estes resultados indicam assim uma maior associação significativa entre o estilo de vinculação e a qualidade actual da relação com pessoas significativas, do que entre as memórias de infância (nomeadamente o suporte emocional materno) e o estilo de vinculação. A associação entre as memórias de infância e a qualidade da relação com pessoas significativas das adolescentes, inclusive nas que se referem ao suporte emocional materno não se apresenta contudo significativa.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No que respeita à questão (1) de saber se e quais os cuidados parentais na infância que contribuem para a qualidade da vinculação da grávida adolescente, verificámos a presença de diferentes memórias de cuidados na infância em grávidas com vinculação segura e insegura, à semelhança de outros autores que também encontraram associações entre cuidados parentais inadequados durante a infância (nomeadamente em termos de rejeição) e insegurança na vinculação na idade adulta (e.g., Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Rothbard & Shaver, 1994). Os resultados que apresentamos vão de encontro aos estudos empíricos acima referidos, pois obtivemos que a rejeição materna é a dimensão dos cuidados parentais que mais parece contribuir para a insegurança da vinculação.

Para além disso, parece-nos particularmente interessante assinalar que diferentes cuidados parentais inadequados podem contribuir para a emergência de diferentes estratégias inseguras de vinculação. De entre os resultados gostaríamos

de salientar novamente a rejeição parental, visto que verificámos que as grávidas adolescentes mais desconfiadas, com mais raiva nas relações e com mais dificuldade nos relacionamentos actuais referem mais experiências de rejeição por parte da mãe e por parte do pai durante a infância. Por sua vez, a ausência de suporte emocional por parte do pai é mais relatada pelas adolescentes que apresentam mais medo da intimidade sexual, menos desejo de envolvimento, menos sinais de intolerância à separação, mas mais constrangimentos atitudinais relativos à proximidade. Por outro lado, também a falta de suporte emocional materno parece associar-se à adopção de determinadas estratégias inseguras de vinculação, mais precisamente, no nosso estudo constatamos que as grávidas adolescentes que apresentam mais desconfiança e mais constrangimentos atitudinais são também aquelas que relatam menos experiências de suporte emocional materno.

Estas observações estão de acordo com os resultados da maior parte dos estudos revistos (e.g., Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Rothbard & Shaver, 1994) que referem que adultos seguros descrevem as suas figuras de vinculação primárias como tendo sido carinhosas, disponíveis, atentas e capazes de responder às necessidades sentidas, têm recordações mais positivas das figuras parentais na infância e representam os progenitores como mais benevolentes e menos punitivos do que os inseguros, o que nos remete para a presença de suporte emocional e para a ausência de rejeição nas práticas de cuidados experimentadas na infância por adultos com vinculação segura. Em contraponto, encontramos também na literatura que os sujeitos com vinculação insegura recordam práticas de cuidados parentais mais inadequadas, referindo, por exemplo, que as suas figuras de vinculação primárias foram menos protectoras e carinhosas, menos envolvidas e, quando envolvidas, mais intrusivas, mais inconsistentes, mais inacessíveis e mais rejeitantes. De um modo geral, podemos então dizer que, tanto o nosso estudo como outros anteriores, mostram que os indivíduos com estilo de vinculação seguro têm representações mais positivas da interacção durante a infância com ambos os pais.

No que respeita à questão (2) de saber acerca do modo como os cuidados parentais contribuem

para a qualidade das relações estabelecidas pela grávida, obtivemos resultados que sugerem que cuidados parentais adequados na infância favorecem o melhor relacionamento com o companheiro e com a mãe durante a gravidez na adolescência. Estes resultados corroboram estudos anteriores que afirmam que os indivíduos que recordam uma melhor relação com os pais durante a infância, particularmente no que se refere à figura materna, tendem a estabelecer relações mais positivas com a sua rede interpessoal mais próxima (e.g., Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990; Costa et al., 2002; Diehl et al., 1998; Feeney & Noller, 1990; Furman & Wehner, 1997; Hazan & Shaver, 1987; Pacheco et al., 2003a; Rothbard & Shaver, 1994).

No que concerne à qualidade do relacionamento com o companheiro, encontramos que as grávidas que têm pior relação com o companheiro relatam menos suporte emocional e mais sobreprotecção por parte da mãe e mais rejeição por parte do pai. É de salientar a relevância do suporte emocional materno não só na qualidade geral da relação, mas sobretudo a nível da interacção positiva e das actividades partilhadas com o companheiro, isto é, as adolescentes grávidas que referem ter experimentado, com alguma regularidade, suporte emocional materno, partilham mais actividades e interagem mais positivamente com o companheiro do que aquelas que relatam menos experiências de suporte materno. Este resultado reafirma as constatações de Canavarro (1999) que encontrou que o suporte emocional prestado pelas figuras parentais na infância afectam as relações estabelecidas na idade adulta, sendo detalhado por Hazan e Shaver (1987) que verificaram que os sujeitos que estabelecem uma relação mais adequada com o companheiro são os que tendem a recordar os seus pais como mais carinhosos, respeitadores, aceitantes e menos rejeitantes. Assim, podemos concluir que a experiência de ter tido suporte emocional por parte da mãe durante a infância parece ser determinante para a qualidade da relação com o companheiro das grávidas adolescentes.

Também no que se refere ao relacionamento da grávida adolescente com a sua mãe, obtivemos resultados que se enquadram no expresso na literatura, em que se associam características positivas da mãe e da relação com a mesma na infância a uma melhor relação com a mãe na ado-

lescência. O presente estudo evidenciou o impacto negativo das práticas parentais caracterizadas por rejeição, tanto por parte da mãe como por parte do pai, na relação estabelecida pela grávida adolescente com a própria mãe, sendo que este tipo de experiências de cuidados na infância se relaciona com menor confiança e menor sentimento de ligação à mãe na gravidez. Alguns autores encontraram dados que apontam no mesmo sentido, por exemplo, Rothbard e Shaver (1994) mostraram que a percepção da mãe durante a infância como alguém com problemas (nervosismo, confusão, depressão) conduz na idade adulta a desconforto e alienação na sua presença, enquanto que, de forma inversa, a percepção da mãe durante a infância como menos ansiosa, com sentido de humor e não egoísta, se encontra, na idade adulta, ligada à percepção da mãe como disponível, proporcionando suporte emocional e carinho.

A questão (3) visa avaliar a direcção das relações entre as variáveis em estudo – memórias de cuidados parentais, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas – e a possibilidade do estilo de vinculação mediar a influência observada dos cuidados parentais prestados na infância na qualidade das relações estabelecidas com pessoas significativas por grávidas adolescentes. A análise estatística dos resultados mostrou que não há uma correlação significativa directa entre os cuidados parentais na infância e a qualidade do relacionamento com pessoas significativas na gravidez. No entanto, encontramos indicações que vão no sentido das memórias de cuidados parentais poderem interferir na qualidade do relacionamento interpessoal da grávida adolescente, no caso de influenciar as suas estratégias de vinculação, dada a associação significativa entre as memórias de cuidados parentais e o estilo de vinculação e entre o estilo de vinculação e a qualidade do relacionamento com pessoas significativas. Estes dados apontam para a possibilidade do estilo de vinculação ser uma variável mediadora entre os cuidados parentais de infância e a qualidade do relacionamento actual estabelecido com pessoas significativas: o que significaria que as práticas de cuidados parentais na infância mostram relação com a qualidade dos relacionamentos significativos actuais no caso de interferirem no estilo de vinculação do indiví-

duo. Embora sejam relativamente frequentes, os estudos relacionam apenas ou as práticas de cuidados parentais na infância e o estilo de vinculação na idade adulta (e.g., Bifulco et al., 2004; Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Figueiredo, Fernandes, Matos, & Maia, 2002; Hazan & Shaver, 1987; Rothbard & Shaver, 1994), ou as práticas de cuidados parentais na infância e a qualidade do relacionamento na adolescência ou na idade adulta (e.g., Canavarro, 1999; Costa et al., 2002; Feeney & Noller, 1990; Furman & Wehner, 1997; Hazan & Shaver, 1987; Pacheco et al., 2003a; Rothbard & Shaver, 1994), ou o estilo de vinculação e a qualidade do relacionamento com pessoas significativas (e.g., Bifulco et al., 2004; Canavarro, 1999; Costa et al., 2002; Feeney & Noller, 1990; Matos, 2002; Owens et al., 1995; Pacheco et al., 2003a; Skolnick, 1987). São poucos os estudos que reúnem estas variáveis no sentido de saber da possibilidade do estilo de vinculação mediar as relações entre os cuidados parentais na infância e a qualidade do relacionamento e do suporte social na idade adulta. Figueiredo et al. (2002) chamam a atenção para o facto da «*qualidade das experiências vividas com os pais ser predictora do funcionamento interpessoal do indivíduo nas relações significativas durante a idade adulta*» (p. 180), e dado o efeito depender do modo como tais experiências são integradas na idade adulta, nomeadamente do modo como se espelham ou não na qualidade da vinculação. Diversos estudos revelam que quando não se verifica um padrão inseguro de vinculação em consequência dos maus tratos ocorridos na infância, então também não se observam dificuldades no relacionamento íntimo na idade adulta (e.g., McCarthy & Taylor, 1999; Wekerle & Wolfe, 1998). Revela-se necessário investigar neste sentido, uma vez que conhecer se e como o estilo de vinculação pode ser uma variável mediadora, poderá indicar novos caminhos na intervenção.

Uma importante questão prende-se com a relevância futura dos resultados encontrados. Considerando que as organizações inseguras de vinculação constituem um factor de risco para dificuldades a nível do relacionamento interpessoal e para a emergência de perturbações psicológicas (Soares, 2000), conhecer os factores protectores e de risco que contribuem para a insegurança na

vinculação, permite melhor prevenir a sua ocorrência e consequentes perturbações no desenvolvimento.

Esta investigação permitiu-nos concluir que as memórias de cuidados parentais na infância se relacionam quer com o estilo de vinculação quer com a qualidade dos relacionamentos de adolescentes grávidas. Possibilitou ainda considerar que o estilo de vinculação pode ser uma variável mediadora entre as memórias de cuidados parentais e a qualidade das relações que as grávidas adolescentes estabelecem quer com o companheiro, quer com a mãe.

Não obstante os resultados encontrados, será necessário considerar as limitações do estudo, particularmente aquelas que são inerentes às características dos instrumentos utilizados: as respostas às entrevistas semi-estruturadas podem ter sofrido o efeito da desejabilidade social e ter sido influenciadas pelo estado de humor do indivíduo; as respostas relativas às memórias de cuidados na infância, medidas por um instrumento retrospectivo, podem não corresponder exactamente ao carácter real das experiências de infância com os pais, ou seja não estudamos os cuidados de infância, mas as representações desses mesmos cuidados, as quais são influenciadas pelo estilo de vinculação actual do indivíduo. Acresce ainda que a utilização de material retrospectivo impossibilita estabelecer relações de causa-efeito, uma vez que não permite a distinção entre passado e presente (Lerner & Ryff, 1987, cit. in Canavarro, 1999).

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, Z., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bifulco, A., Lillie, A., Ball, B., & Moran, P. (1988). *Entrevista de estilos de vinculação (A.S.I.): Manual de treino; versão 2 (reduzida)*. Royal Holloway: Universidade de Londres.
- Bifulco, A., Moran, P., Ball, C., et al. (2002a). Adult attachment style I: It's relationship to clinical depression. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 37, 50-59.

- Bifulco, A., Moran, P., Ball, C., et al. (2002b). Adult attachment style II: It's relationship to psychosocial depressive-vulnerability. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 37, 60-67.
- Bifulco, A., Figueiredo, B., Guedeny, N., Gorman, L., Hayes, S., Muzik, M., Gatigny-Dally, E., Valoriani, V., Kammerer, M., Henshaw, C. & the TCS-PND group (2004). Maternal attachment style and depression associated with childbirth: Preliminary results from European/US cross-cultural study. *British Journal of Psychiatry*, 184 (Suppl. 46), 31-37.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's ties to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. II: Separation: anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock/Routledge.
- Brown, G., Bifulco, A., Veiel, H., & Andrews, B. (1990). Self-esteem and depression: Social correlates of self-esteem. *Social Psychiatric and Psychiatric Epidemiology*, 25, 225-234.
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psicologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M., & Pereira, I. (2001). Gravidez e maternidade na adolescência: perspectivas teóricas. In M. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 323-357). Coimbra: Quarteto.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment style, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Costa, R., Pacheco, A., & Figueiredo, B. (2002). Memórias de cuidados parentais na infância, estilo de vinculação, qualidade da relação com pessoas significativas, perturbação psicopatológica e aliança terapêutica (estudo exploratório). *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 7 (1), 87-108.
- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (2), 281-291.
- Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy, & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp. 355-377). New York: The Guildford Press.
- Figueiredo, B. (2000a). Maternidade na adolescência: Consequências e trajetórias desenvolvimentais. *Análise Psicológica*, 18 (4), 485-499.
- Figueiredo, B. (2000b). Psicopatologia do desenvolvimento da maternidade. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 347-380). Coimbra: Quarteto.
- Figueiredo, B. (2001). Maternidade na adolescência: Do risco à prevenção. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 3 (2), 221-238.
- Figueiredo, B., Fernandes, E., Matos, R., & Maia, A. (2002). Maus tratos na infância: trajetórias desenvolvimentais e intervenção psicológica na idade adulta. In R. Gonçalves, & C. Machado (Eds.), *Violência e vítimas de crimes* (pp. 163-210). Coimbra: Quarteto.
- Figueiredo, B., Pacheco, A., & Magarinho, R. (2004a). Grávidas adolescentes e grávidas adultas: Diferentes circunstâncias de risco? *Acta Médica Portuguesa*. Enviado para publicação.
- Figueiredo, B., Pacheco, A., & Magarinho, R. (2004b). Utentes da consulta externa de grávidas adolescentes da Maternidade Júlio Dinis entre os anos de 2000 a 2003. *Análise Psicológica*, 22 (3), 551-570.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hinde, R., & Stevenson-Hinde, J. (1986). Relating childhood relationships to individual characteristics. In W. Hartup, & Z. Rubin (Eds.), *Relationships and development* (pp. 27-50). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Matos, P. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de doutoramento. Não publicada. Universidade do Porto.
- McCarthy, G., & Taylor, A. (1999). Avoidant/ambivalent attachment style as a mediator between abusive childhood experiences and adult relationship difficulties. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 465-477.
- Pacheco, A., Costa, R., & Figueiredo, B. (2003a). Estilo de vinculação, sintomatologia psicopatológica e qualidade da relação com as figuras de suporte, com o terapeuta, e com o bebé (estudo exploratório). *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3 (1), 35-59.
- Pacheco, A., Costa, R., Figueiredo, B., & Magarinho, R. (2003). Utentes da consulta externa de grávidas adolescentes da Maternidade Júlio Dinis ano 2000. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 34 (4), 227-238.
- Perris, C., Jacobson, L., Lindstorm, H., Von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinava*, 61, 265-274.
- Rothbard, J. C., & Shaver, P. R. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. B. Sperling, & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults – Clinical and developmental perspectives* (pp. 31-71). New York: Guildford Press.
- Skolnick, A. (1987). Early attachment and personal relationships across the life course. In P. B. Baltes, D. L. Featherman, & R. M. Lerner (Eds.), *Life span development and behaviour* (vol. 7, pp. 173-204). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.

- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 381-434). Coimbra: Quarteto.
- Soares, I., Marques, M., Martins, C., Figueiredo, B., Jongenelen, I., & Matos, R. (2001). Gravidez e maternidade na adolescência: um estudo longitudinal. In M. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 359-407). Coimbra: Quarteto.
- Sroufe, A. (1988). The role of infant caregiver attachment in development. In J. Belsky, & T. Nezworski (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 18-38). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Weiss, R. (1982). Attachment in adult life. In C. Parkes, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behaviour* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- Weiss, R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. (1998). The role of child maltreatment and attachment style in adolescent relationship violence. *Development and Psychopathology*, 10 (3), 571-586.

RESUMO

O presente estudo teve como principal objectivo estimar a influência das memórias de cuidados pelos pais durante a infância no estilo de vinculação e na qualidade das relações com pessoas significativas na gravidez. Contou com uma amostra de 48 adolescentes a quem se administrou, no terceiro trimestre de gestação, a versão portuguesa dos seguintes instrumentos: *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU) (Perris, Jacobson, Lindstorm, von Knorring, & Perris, 1980), *Attachment Style Interview* (ASI) (Bifulco, Figueiredo, Guedeney, Gorman, Hayes, et al., 2004) e *Self Evaluation and Social Support* (SESS) (Brown, Bifulco, Veiel, & Andrews, 1990), no sentido de avaliar, respectivamente, as memórias de cuidados parentais, o estilo de vinculação e a qualidade do suporte e do relacionamento com a mãe e com o companheiro. Os resultados sugerem que a qualidade dos cuidados parentais durante a infância é um factor deter-

minante para a qualidade da vinculação em grávidas adolescentes, sobretudo a rejeição e a ausência de suporte emocional por parte de ambos os pais mostram ser decisivos na emergência de estratégias inseguras de vinculação. A qualidade dos cuidados parentais durante a infância – o suporte emocional por parte da mãe e a rejeição por parte de ambos os pais – influencia também a qualidade do relacionamento com o companheiro e com própria mãe durante a gravidez. Surgem, ainda, indicações de que os cuidados parentais durante a infância determinam a qualidade do relacionamento do indivíduo com pessoas significativas na adolescência/adulthood, na medida em que contribuem para o elaborar de estratégias seguras ou inseguras da vinculação.

Palavras-chave: Memórias de cuidados parentais na infância, estilo de vinculação, qualidade da relação com pessoas significativas, maternidade na adolescência.

ABSTRACT

The aim of the present study is to evaluate the influence of the memories of childhood parental care in the attachment style and the quality of the relationship with significant others during pregnancy. A sample of 48 adolescents was evaluated, in the third trimester of pregnancy, with the following instruments: *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU) (Perris, Jacobson, Lindstorm, von Knorring, & Perris, 1980), *Attachment Style Interview* (ASI) (Bifulco, Figueiredo, Guedeney, Gorman, Hayes, et al., 2004) and *Self Evaluation and Social Support* (SESS) (Brown et al., 1990), to assess the mother's memories of parental care, attachment style and quality of the social support and of the relationship with significant others. Results suggest that the quality of childhood parental care is a determinant factor to the attachment style observed in pregnant adolescents; mostly rejection and lack of emotional support from both parents seem to be determinant for the emergence of insecure attachment strategies. Furthermore, the quality of childhood parental care – emotional support from the mother and rejection from both parents – seems also to be related with the adolescent's quality of the relationship with the partner and a significant other, during pregnancy. There are some evidences that childhood parental care experiences may influence the quality of the relationship with significant in adolescence/adulthood because it contributes into the constructions of secure and insecure attachment strategies.

Key words: Memories of infant parental care, attachment style, relationship quality with significant people, teenage motherhood.